

ALEITAMENTO: A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NO BANCO DE LEITE HUMANO

BREASTFEEDING: THE IMPORTANCE OF THE NURSE IN THE HUMAN MILK BANK

LACTANCIA MATERNA: LA IMPORTANCIA DE LA ENFERMERA EN EL BANCO DE LECHE HUMANA

Bruna Eduarda Santos Ribeiro¹

Diana Góis dos Santos²

RESUMO: O aleitamento materno é fundamental para o desenvolvimento saudável dos recém-nascidos, oferecendo nutrientes essenciais e anticorpos que protegem os pequenos contra diversas doenças. Por sua vez, os Bancos de Leite Humano (BLH) desempenham um papel crucial ao fornecer leite materno para bebês que não podem ser amamentados diretamente. Nesse contexto, os enfermeiros atuam desde a coleta até a distribuição do leite materno. Eles instruem e apoiam as mães na coleta correta do leite, garantindo sua qualidade e segurança. Além disso, os enfermeiros são responsáveis pelo processamento, que inclui a pasteurização, e pelo armazenamento adequado do leite. Na distribuição, monitoram a condição dos bebês receptores e ajustam as quantidades de leite conforme necessário. Esses profissionais também educam as mães doadoras sobre a importância da doação e fornecem suporte emocional, ajudando a resolver dúvidas e preocupações. Para as mães receptoras, os enfermeiros ensinam sobre os benefícios do leite materno e como lidar com possíveis dificuldades durante o processo. Assim, os BLHs, com a assistência dos enfermeiros, têm um impacto significativo na saúde pública, reduzindo a mortalidade infantil e melhorando a saúde neonatal. Fortalecer o papel dos enfermeiros nos BLHs é fundamental para continuar promovendo a saúde infantil e o aleitamento materno.

4035

Palavras-Chave: Aleitamento. Materno. Puerpério. Saúde. Enfermagem.

ABSTRACT: Breastfeeding is essential for the healthy development of newborns, offering essential nutrients and antibodies that protect little ones against various diseases. In turn, Human Milk Banks (HMB) play a crucial role in providing breast milk to babies who cannot be directly breastfed. In this context, nurses work from the collection to the distribution of breast milk. They instruct and support mothers in correctly collecting milk, ensuring its quality and safety. Additionally, nurses are responsible for processing, which includes pasteurization, and proper storage of milk. During distribution, they monitor the condition of recipient babies and adjust milk quantities as needed. These professionals also educate donor mothers about the importance of donation and provide emotional support, helping to resolve doubts and concerns. For recipient mothers, nurses teach them about the benefits of breast milk and how to deal with possible difficulties during the process. Thus, HMBs, with the assistance of nurses, have a significant impact on public health, reducing infant mortality and improving neonatal health. Strengthening the role of nurses in HMBs is essential to continue promoting child health and breastfeeding.

Keywords: Breastfeeding. Maternal. Postpartum. Health. Nursing.

¹ Graduanda em enfermagem, Faculdade JK Brasília

² Enfermeira -Mestrando Engenharia Biomédica - UNB.

RESUMEN: La lactancia materna es fundamental para el desarrollo saludable de los recién nacidos, ofreciendo nutrientes esenciales y anticuerpos que protegen a los pequeños contra diversas enfermedades. A su vez, los Bancos de Leche Humana (MBH) juegan un papel crucial en el suministro de leche materna a los bebés que no pueden ser amamantados directamente. En este contexto, las enfermeras trabajan desde la recolección hasta la distribución de la leche materna. Instruyen y apoyan a las madres en la correcta recolección de la leche, garantizando su calidad e inocuidad. Además, las enfermeras son responsables del procesamiento, que incluye la pasteurización y el almacenamiento adecuado de la leche. Durante la distribución, controlan el estado de los bebés receptores y ajustan las cantidades de leche según sea necesario. Estos profesionales también educan a las madres donantes sobre la importancia de la donación y brindan apoyo emocional, ayudando a resolver dudas e inquietudes. A las madres receptoras, las enfermeras les enseñan sobre los beneficios de la leche materna y cómo afrontar posibles dificultades durante el proceso. Así, las HMB, con la asistencia de enfermeras, tienen un impacto significativo en la salud pública, reduciendo la mortalidad infantil y mejorando la salud neonatal. Fortalecer el papel de las enfermeras en los HMB es fundamental para seguir promoviendo la salud infantil y la lactancia materna.

Palabras clave: Amamantamiento. Materno. Posparto. Salud. Enfermería.

INTRODUÇÃO

A fase da amamentação é uma das mais importantes na vida do ser humano. Ela gera impactos positivos tanto na mulher que amamenta quanto no bebê que recebe o leite materno. Além disso, as propriedades do leite materno garantem que este é o alimento mais completo para o recém-nascido, já que é essencial para o seu crescimento saudável. Devido a essas potencialidades, os profissionais de saúde devem orientar às mães da importância da amamentação para o desenvolvimento nutricional, imunológico e psicossocial do seu filho. Vale ressaltar que uma das dificuldades mais comuns da fase da amamentação é o acúmulo de leite nas mamas, que gera dor e aumento de volume, além de dificultar a saída do líquido.

Isso decorre, principalmente, da sucção ineficaz, mamadas infrequentes, excesso de produção de leite ou técnica de amamentação incorreta. Um agravante para essa conjuntura é que, no Brasil, a mulher recebe alta do hospital após o parto, antes da fase de apojadura, ou seja, da descida do leite. Ocorre que, em casa, algumas mães enfrentam dificuldade com essa fase e, por essa razão, precisam de acompanhamento de profissional para auxiliá-las com esses desafios para que consiga, assim, amamentar o seu bebê e não gerar traumas para si mesma. Dessa maneira, o acompanhamento da mãe e do bebê após a alta hospitalar é um processo muito importante que deve ser realizado por profissionais especializados. Essa assistência garante, por sua vez, o aumento das chances de a mulher superar os desafios do ato de amamentar e, desta forma, ser capaz de dar continuidade por mais tempo, visto que

isso beneficia consideravelmente a criança. Diante disso, o profissional da enfermagem, no acompanhamento da gestante, deve acompanhar seus processos psicológicos para oferecer uma melhor assistência. Dentre as formas com que esse profissional pode agir, o estabelecimento de um vínculo com as puérperas, o apoio com o bebê, com a amamentação e a família são algumas delas.

Ademais, esses profissionais são de suma importância para os Bancos de Leite Humano (BLH), instituições essenciais para a promoção da saúde neonatal, especialmente para bebês prematuros ou com condições médicas que impedem a amamentação direta. Esses bancos coletam, processam, armazenam e distribuem leite materno doado, garantindo que ele esteja seguro e adequado para o consumo. Além de proporcionar nutrição vital, os BLHs desempenham um papel crucial na redução da mortalidade infantil e na melhoria das taxas de aleitamento materno exclusivo. A atuação integrada de enfermeiros, médicos e outros profissionais de saúde nesses bancos é fundamental para assegurar a qualidade do leite humano e para apoiar tanto as mães doadoras quanto as receptoras, promovendo uma rede de solidariedade e cuidado que beneficia toda a comunidade.

MÉTODOS

4037

O trabalho a ser desenvolvido trata-se de uma revisão de literatura sobre a atuação do enfermeiro durante o aleitamento materno e nos bancos de leite humanos. Com natureza bibliográfica, fará uso de uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Martins (2004), tem objetivo de desmistificar um fato real, identificar o problema e cunhar alternativas que ajudem na melhora da situação abordada. A busca pelo material teórico foi desenvolvida por meio de informações em bibliotecas virtuais, tais como Google Acadêmico e Scielo, com os seguintes descritores: Aleitamento; Materno; Puerpério; Saúde; Enfermagem. Foram incluídos artigos científicos que abordassem o tema proposto, publicados entre 1989 a 2022. Ademais, o caráter científico do presente exposto terá como base argumentos de autoridade, uma vez que, para melhor abordar essa temática, foram estudadas obras de autores de relevância para a área da saúde, tais como Campos (2020), Cury (2002) e Rego (1995).

A análise das informações foi realizada por meio de leitura exploratória e analítica do material encontrado. Para aplicação dos artigos, inicialmente, foi realizada uma triagem dos títulos relacionados ao tema em questão. Esta seleção se baseia nos títulos da abordagem como ideia principal, e aleitamento materno e atuação do enfermeiro nesse contexto. Ao final da busca, foram excluídos os títulos repetidos e artigos que não eram relacionados ao

assunto e os que não se aplicam ao tema escolhido. Em seguida foi feita a leitura detalhada dos artigos a fim de selecionar aqueles que abordassem exclusivamente o presente tema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O leite materno contém uma variedade de nutrientes essenciais que auxiliam no desenvolvimento do bebê. No entanto, é crucial entender que existem diferentes tipos de leite materno que variam ao longo do tempo. Como o primeiro alimento do bebê, espera-se que o leite forneça os elementos básicos necessários para a criança, sendo fundamental compreender suas principais composições (MORGANO et al., 2015). Portanto, é importante explorar alguns dos diversos componentes presentes no leite materno, conforme ilustrado no quadro 01 a seguir:

QUADRO 1 – BENEFÍCIOS E COMPONENTES DO LEITE MATERNO

O leite materno contém milhões de células vivas, incluindo glóbulos brancos que fortalecem o sistema imunológico, e células estaminais que contribuem para o desenvolvimento dos órgãos.
Mais de 1000 proteínas presentes no leite materno promovem o crescimento e desenvolvimento do bebê, além de protegerem e estimularem os neurônios.
As proteínas no leite materno são compostas por aminoácidos essenciais.
Estima-se que existam mais de 200 açúcares complexos que atuam como probióticos, alimentando o intestino da criança e prevenindo infecções e inflamações.
O leite materno contém mais de 40 enzimas que aceleram reações químicas no corpo, auxiliando na digestão, absorção de ferro e fortalecimento do sistema imunológico.
Fatores de crescimento presentes no leite materno apoiam o desenvolvimento saudável de vasos sanguíneos, sistema nervoso, entre outros.
Hormônios no leite materno facilitam a comunicação entre tecidos e órgãos, garantindo seu funcionamento adequado.
Vitaminas, minerais e ácidos graxos de cadeia longa contribuem para um crescimento saudável, formação de ossos, dentes, sistema nervoso e visão.
Anticorpos (imunoglobulinas) presentes no leite materno protegem o bebê contra doenças e infecções.
Micro RNAs ajudam a regular a expressão genética e fortalecem o sistema imunológico, prevenindo o desenvolvimento de doenças.

Fonte: Adaptado de Calil, Falcão (2003).

Segundo Caminha; et al. (2010, p. 87), a OMS estabelece indicadores que definem diferentes categorias de aleitamento:

Aleitamento materno exclusivo – quando a criança recebe somente leite materno, direto da mama ou ordenhado, ou leite humano de outra fonte, sem outros líquidos ou sólidos, com exceção de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos.

Aleitamento materno predominante – quando a criança recebe, além do leite materno, água ou bebidas à base de água (água adoçada, chás, infusões), sucos de frutas e fluidos rituais.

Aleitamento materno – quando a criança recebe leite materno (direto da mama ou ordenhado), independentemente de receber ou não outros alimentos.

Aleitamento materno complementado – quando a criança recebe, além do leite materno, qualquer alimento sólido ou semissólido com a finalidade de complementá-lo, e não de substituí-lo. Nessa categoria a criança pode receber, 7 além do leite materno, outro tipo de leite, mas este não é considerado alimento complementar.

Aleitamento materno misto ou parcial – quando a criança recebe leite materno e outros tipos de leite.

O aleitamento materno é fundamental para a saúde tanto da criança quanto da mãe, trazendo uma série de benefícios que melhoram significativamente a qualidade de vida. Além de nutrir o bebê de forma completa e balanceada, o leite materno fortalece o sistema imunológico da criança e reduz o risco de diversas doenças. Para a mãe, amamentar promove uma recuperação mais rápida do peso pós-parto, diminui o risco de hemorragias e anemia, e ajuda na prevenção de doenças como diabetes e câncer de mama.

A prática também estabelece um vínculo emocional profundo entre mãe e filho, impulsionado pela liberação de prolactina e ocitocina, hormônios que não apenas estimulam a produção de leite, mas também contribuem para o bem-estar emocional da mãe, reduzindo o estresse e melhorando o humor.

A amamentação não é apenas uma técnica alimentar: é muito mais do que a simples passagem do leite de um organismo para o outro, ainda que diretamente ao seio. Ela é um rico processo de entrosamento entre dois indivíduos um que amamenta e o outro que é amamentado. A amamentação não só é propiciada como também propiciadora de uma gama de interações facilitadoras de formação e consolidação do vínculo mãe-filho. A participação da família, em especial do pai, tem grande influência na amamentação (REGO, 2008, p.17).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) enfatizam que o aleitamento materno nos primeiros meses de vida é essencial para a saúde e o desenvolvimento dos bebês, destacando seus efeitos positivos na prevenção de doenças e na criação de um vínculo afetivo fundamental entre mãe e filho (Giugliani, 2004). Ademais, Matos, Lazaretti, Dal Bosco (2013) enumeram alguns benefícios do aleitamento, a saber:

- **Evita mortes infantis:** Estima-se que o leite materno, com seus componentes diversos, proteja a criança contra uma ampla gama de infecções, reduzindo significativamente o número de mortes neonatais.
- **Evita diarreia:** O aleitamento materno é reconhecido como um dos alimentos mais funcionais do mundo devido à presença de bactérias protetoras que fortalecem as defesas intestinais da criança, contribuindo para a prevenção de diarreias, segundo estudos científicos.
- **Desenvolvimento do sistema nervoso:** O DHA (docosahexaenoico), presente em grande quantidade no leite materno, é essencial para o desenvolvimento cerebral e da memória da criança. Esse nutriente facilita a formação eficiente das células nervosas e melhora a comunicação entre elas, especialmente nos primeiros cinco anos de vida, período crucial para o desenvolvimento cerebral.
- **Reduz o risco de obesidade:** Estudos indicam que crianças amamentadas têm menor probabilidade de desenvolver obesidade, devido às propriedades anti-inflamatórias do leite materno. A amamentação prolongada está associada a um menor risco futuro de problemas relacionados à obesidade na idade adulta, destacando a importância da duração da amamentação para mitigar esse risco.

Na organização dos serviços materno-infantis com foco na proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno, a Declaração Conjunta da OMS/UNICEF estabelece os "Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno". Esses passos são diretrizes fundamentais que orientam as práticas hospitalares e comunitárias para garantir que todas as mães e bebês recebam os cuidados adequados que promovam a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida, seguida da introdução de alimentos complementares adequados e da continuação do aleitamento até dois anos ou mais, conforme recomendado pelas organizações de saúde internacionais. Essas diretrizes incluem desde a formulação de políticas hospitalares favoráveis ao aleitamento até o apoio contínuo às mães após o parto, visando não apenas a saúde física, mas também o fortalecimento do vínculo emocional entre mãe e bebê. Os dez passos são, a saber:

- **Ter norma escrita sobre aleitamento,** que deve ser rotineiramente transmitida a todo a equipe de saúde.
- **Treinar a equipe de cuidados de saúde,** capacitando-a para implementar esta norma.

- Informar as gestantes sobre as vantagens e manejo do aleitamento.
- Ajudar as mães a iniciá-lo na 1ª hora após o nascimento.
- Mostrar-lhes como amamentar e manter a lactação, mesmo se verem ser separadas de seus filhos.
- Não dar outro alimento ou bebida aos neonatos que não seja o leite materno e não que seja indicado pelo médico.
- Praticar o alojamento conjunto, permitir que o as mães e seus RNs permaneçam juntos nas 24 horas.
- Encorajar o aleitamento em livre demanda.
- Não oferecer bicos artificiais ou chupetas às crianças amamentadas ao seio.
- Encorajar o estabelecimento de grupos de apoio ao aleitamento, para onde as mães deverão ser encaminhadas por ocasião da alta (Organização Mundial da Saúde, 1989).

O aleitamento materno é amplamente reconhecido como a melhor forma de alimentar um bebê nos primeiros meses de vida. Além de ser o alimento mais completo, o leite materno é facilmente digerido, fornecendo todos os nutrientes essenciais para o crescimento e desenvolvimento saudáveis da criança. Além disso, o leite materno é rico em substâncias imunológicas que protegem o bebê contra uma série de doenças, desde diarreias e resfriados até infecções respiratórias e alergias. Também contribui para o desenvolvimento adequado da estrutura facial e fortalece os músculos e ossos utilizados na fala e respiração nasal (CAMPOS, 2020). Outrossim, Rocha et al (2018, p.76) afirma que:

- O leite materno é o alimento mais completo para o bebê nos primeiros seis meses de vida.
- É facilmente digerido pelo sistema digestivo ainda imaturo do bebê.
- Protege contra uma variedade de doenças, incluindo diarreia, resfriados, infecções urinárias, respiratórias alergias e problemas dentários.
- Contém todas as substâncias necessárias para nutrir e imunizar a criança desde os primeiros dias de vida.
- Ajuda a prevenir alterações estruturais e funcionais na face, promovendo um desenvolvimento facial harmonioso.
- Estimula os músculos e ossos da face, facilitando a respiração nasal e a articulação das estruturas envolvidas na fala.

- Fortalece a musculatura oral da criança, melhorando suas habilidades de sucção, mastigação, deglutição e fala.
- Fortalece o vínculo emocional entre mãe e bebê, transmitindo segurança, carinho e amor.
- Contribui para um bom desenvolvimento físico e mental, promovendo estabilidade emocional e adaptabilidade ao longo da vida.

Além dos benefícios diretos para o bebê, o aleitamento materno oferece vantagens significativas para a mãe. O retorno mais rápido do corpo ao estado pré-gravidez, a redução do sangramento pós-parto e o estabelecimento de um vínculo afetivo intenso são apenas algumas das vantagens (SOUZA; DELGADO, 2017). Além disso, o aleitamento materno é uma opção econômica e conveniente, sempre disponível na temperatura ideal e livre de contaminações, promovendo praticidade e segurança para a mãe e seu bebê.

das vantagens do aleitamento materno para a mãe, de acordo com MARCHIORI (2018) são:

- Facilita o retorno do corpo ao estado pré-gravidez de maneira mais rápida.
- Reduz o sangramento pós-parto, acelerando a involução uterina e a normalização do volume mamário.
- Reforça o vínculo afetivo entre mãe e bebê, promovendo uma conexão emocional intensa e positiva.
- É economicamente acessível, disponível a qualquer momento, na temperatura ideal e livre de contaminações externas.

O aleitamento materno (AM) não apenas se configura como uma política pública crucial na promoção da saúde infantil, mas também transcende a simples nutrição da criança, sendo um processo fundamental de interação entre mãe e filho. Este vínculo tem repercussões profundas na vida da criança, incluindo o fortalecimento do sistema imunológico, o desenvolvimento cognitivo e a promoção da saúde a longo prazo.

Além disso, o leite materno (LM) é reconhecido como o melhor alimento nos primeiros meses de vida, sendo fundamental na redução da morbimortalidade por doenças infecciosas. Para a mãe, amamentar contribui para uma involução uterina mais rápida, o que reduz o sangramento pós-parto e o risco de anemia, como destacado por Carvalho et al (2011). Esses benefícios destacam a importância do apoio contínuo ao aleitamento materno como uma prática essencial para a saúde integral da criança e da mãe.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo (AME) nos primeiros seis meses de vida do bebê, complementado por outros alimentos até os dois anos de idade ou mais. É preconizado que a amamentação seja iniciada dentro da primeira hora de vida do recém-nascido e que continue em livre demanda, conforme orientação de Castilho et al (2013). No entanto, muitas mães enfrentam dificuldades para amamentar devido a inseguranças relacionadas a mitos e crenças sobre a qualidade e quantidade do leite materno, além das transformações físicas e emocionais que a gestação e o parto trazem para cada mulher, como discutido por Silva et al. (2014).

O BLH é responsável por ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e execução de atividades de coleta da produção láctea da nutriz, seleção, classificação, processamento, controle de qualidade e distribuição, sendo proibida a comercialização dos produtos por ele distribuídos (HINRICHSEN, 2004; BRITTO, 2002; BRASIL, 2006).

Nesse ínterim, há dentro das maternidades, o setor denominado Banco de Leite Humano, reconhecido por:

A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano foi criada em 1998, por iniciativa conjunta do Ministério da Saúde e Fundação Oswaldo Cruz, com a missão de promover, proteger e apoiar o aleitamento materno, coletar e distribuir leite humano com qualidade certificada e contribuir para a diminuição da mortalidade infantil (BRASIL, 2009).

O Manual de Boas Práticas do Banco de Leite foi criado pela Anvisa para direcionar os BLH e facilitar o trabalho dos profissionais da área, que zelum pelos cuidados relacionados à técnica de ordenha, processamento, armazenamento e distribuição do leite. Esses cuidados são essenciais para evitar a contaminação e garantir a qualidade do leite oferecido aos recém-nascidos (ANVISA, 2008). Dada a importância dos cuidados na gestão do leite humano ordenhado, para garantir que o leite chegue de forma adequada ao recém-nascido, surge a seguinte questão: como a enfermagem pode contribuir para evitar intercorrências durante a coleta do leite humano e prevenir desperdícios? Quais são as boas práticas de enfermagem que podem ser adotadas junto à nutriz para evitar perdas do leite ordenhado? Esses questionamentos podem ser respondidos a partir do entendimento do papel do enfermeiro no Banco de Leite Humano. O enfermeiro desempenha funções cruciais durante a Consulta de Enfermagem, que incluem:

- Sanar as dúvidas da mulher quanto ao aleitamento materno;
- Orientar relação à massagem das mamas para facilitar a descida do leite e dessa forma evitar o ingurgitamento;

- Orientar sobre a pega correta do bebê (mão em forma de “C”) e o posicionamento do bebê durante as mamadas;
- Orientar sobre a técnica de esgotamento do leite;
- Realizar a avaliação dos mamilos (verificar o aparecimento de rachaduras);
- Orientar a nutriz sobre a ordenha e armazenamento do seu leite de forma correta, assim como a doação do leite no BLH.

Assim, a equipe de enfermagem elabora estratégias para promover o aleitamento materno, fornecendo as orientações necessárias e prestando apoio às lactantes que possam encontrar dificuldades durante a amamentação. Ademais, para que haja uma correta coleta do leite humano, é necessário que seja tomada algumas medidas, de acordo com a Fiocruz (2008):

- 1) Prender os cabelos e colocar gorro ou touca de banho;
- 2) Proteger boca e narinas com máscara, lavar mãos e antebraços com água corrente e sabonete, usar luvas se a ordenha não for feita pela própria nutriz.
- 3) A retirada de leite deve ser feita pela própria nutriz, quando as mamas estiverem macias, o que ressalta a importância de iniciar a ordenha nos primeiros dois dias após o parto.
- 4) No final da ordenha, aplicar as últimas gotas retiradas na região mamiloareolar (para manter a hidratação dos mamilos evitando rachaduras).

Mesmo com robustas evidências científicas sobre os inúmeros benefícios do aleitamento materno e os esforços de diversas organizações tanto no âmbito nacional quanto internacional, as taxas de aleitamento materno no Brasil, especialmente em relação à prática exclusiva, ainda se encontram muito aquém do ideal recomendado. Este cenário ressalta a importância crucial dos profissionais de saúde na reversão desses índices preocupantes, conforme indicado pelo Ministério da Saúde em 2009. Embora o aleitamento materno traga inúmeros benefícios, algumas mães podem enfrentar desafios durante o processo. Problemas como ingurgitamento mamário, mamilos doloridos, rachaduras e até mesmo a hipogalactia podem surgir, comprometendo a experiência de amamentação. No entanto, esses obstáculos são geralmente contornáveis com orientações adequadas e suporte profissional (PEREIRA et al, 2017). A educação pré-natal e o acompanhamento contínuo durante o pós-parto são essenciais para ajudar as mães a superar essas dificuldades, garantindo uma amamentação bem-sucedida e satisfatória tanto para a mãe quanto para o

bebê.

Algumas dificuldades no período de lactação, são, segundo Tenório et al (2018):

- **Ingurgitamento mamário:** aumento súbito e doloroso das mamas, evitável com início precoce da amamentação e mamadas frequentes, uso de compressas frias ou mornas e ajuste correto do sutiã.
- **Mamilos doloridos:** comuns no início da amamentação, curam-se naturalmente com a prática contínua de amamentação.
- **Rachaduras e fissuras:** lesões na pele do mamilo, muitas vezes causadas por erro na técnica de amamentação, evitáveis com orientações adequadas e uso do próprio leite para cicatrização.
- **Mastite puerperal:** inflamação da mama por infecção, prevenida pela amamentação contínua e tratada com esvaziamento eficaz da mama.
- **Hipogalactia:** produção insuficiente de leite, muitas vezes relacionada à ansiedade materna e alimentação suplementar desnecessária, evitável com apoio e orientação adequada.
- **Hipertrofia mamária da gravidez:** aumento exagerado das mamas durante a gestação, tratável com medidas simples como manter os seios arejados e massagens suaves.

4045

Abrão (2006) salienta que o período gestacional representa uma oportunidade crucial para que as mulheres recebam orientações adequadas. É durante essa fase que estão mais receptivas para aprender e adotar práticas que beneficiem seus filhos de maneira significativa.

Os profissionais que prestam cuidado à mãe e ao bebê devem conhecer a técnica correta da ordenha manual, e garantir que todas as mães aprendam a ordenhar seu próprio leite. A ordenha deve ser feita com cuidado, pois as mamas lactantes são sensíveis; e quando a técnica não é adequada, pode acarretar trauma na aréola ou em outras áreas do peito (OLIVEIRA et al., 2006, p. 99).

O enfermeiro desempenha um papel fundamental na promoção do aleitamento materno. Para isso, é essencial que esteja bem preparado não apenas para oferecer suporte técnico, mas também para compreender e lidar com os aspectos emocionais e culturais envolvidos na decisão da família. O profissional de enfermagem deve fornecer informações claras e relevantes, além de encorajar a mãe a se sentir empoderada em seu papel de protagonista no processo de amamentação. “Esse olhar necessariamente deve reconhecer a mulher como protagonista do seu processo de amamentar, valorizando-a, escutando-a e

empoderando-a” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Segundo Castro; Araújo, (2006), apud Ministério da Saúde, (2009, p. 11):

Cabe ao profissional de saúde identificar e compreender o processo do aleitamento materno no contexto sociocultural e familiar e, a partir dessa compreensão, cuidar tanto da dupla mãe/bebê como de sua família. É necessário que busque formas de interagir com a população para informá-la sobre a importância de adotar uma prática saudável de aleitamento materno. O profissional precisa estar preparado para prestar uma assistência eficaz, solidária, integral e contextualizada, que respeite o saber e a história de vida de cada mulher e que a ajude a superar medos, dificuldades e inseguranças.

Como visto, o aleitamento é um processo fundamental na vida dos seres humanos, mas frequentemente requer preparação das mães para ser feita de maneira adequada. O apoio psicológico e encorajador pode aumentar a confiança das mulheres, permitindo que elas forneçam alimentação aos seus bebês. Para isso, é crucial o suporte de profissionais de saúde especializados, capacitando e auxiliando as mães nos primeiros momentos após o nascimento (Dias de Araujo et al., 2008).

Os profissionais de saúde devem entender que a amamentação envolve diversos aspectos da vida e do corpo das mulheres, sendo um processo que deve ser estimulado e orientado. O papel fundamental dos enfermeiros e dos serviços de saúde é promover o aleitamento materno exclusivo desde o pré-natal. Isso inclui consultas dedicadas, formação de grupos de gestantes com suas famílias, discussões em grupo e reuniões para esclarecer dúvidas e fornecer informações essenciais sobre amamentação. É essencial investigar as razões para o desmame precoce, entender as dificuldades enfrentadas pelas mães na amamentação exclusiva, identificar e resolver possíveis problemas, além de enfatizar o papel crucial do pré-natal e do estímulo ao aleitamento materno exclusivo (Amorim; Andrade, 2009). Durante o acompanhamento pré-natal, os enfermeiros desempenham um papel crucial ao fornecer informações fundamentais sobre a amamentação. Este período permite abordar eventuais desafios que podem surgir durante a gestação e após o parto, ajudando as gestantes a entender e a lidar com essas questões. Além de esclarecer dúvidas e minimizar receios, o pré-natal também prepara as mães para o processo de amamentação, destacando sua importância para o desenvolvimento saudável do bebê. Esses cuidados não se encerram com o parto, sendo essencial manter a continuidade durante as consultas de puericultura. Nessas consultas, é verificado o progresso do lactente, garantindo que tanto a mãe quanto o bebê recebam suporte contínuo e personalizado (Almeida, Fernandes, Araujo, 2004).

Os estudos e informações compiladas ao longo deste trabalho de conclusão de curso evidenciam numerosas provas científicas que demonstram os múltiplos benefícios do aleitamento

materno, tanto para a criança quanto para a mãe (Dias de Araújo, 2008). Esse alimento não apenas fornece nutrientes essenciais para o crescimento e desenvolvimento do bebê, mas também fortalece o sistema imunológico, protegendo contra doenças.

A partir dessas evidências, observa-se uma crescente preocupação por parte dos órgãos nacionais em conscientizar sobre a importância do aleitamento materno. Neste contexto, os enfermeiros desempenham um papel vital ao oferecer apoio, orientação e informação às mães, ajudando-as a compreender o quanto a amamentação pode ser benéfica para a saúde do bebê e para elas mesmas. Este suporte não apenas promove a saúde física, mas também fortalece o vínculo emocional entre mãe e filho, essencial para um desenvolvimento saudável em todas as fases da vida (AZEREDO et al., 2008). Diante dessas perspectivas, torna-se evidente que a educação em saúde é uma responsabilidade compartilhada por todos os profissionais da área da saúde, com um papel central atribuído aos enfermeiros. Acredita-se que o processo educativo deve ser contínuo e abrangente, ocorrendo não apenas dentro das unidades de saúde, mas também nas comunidades. Os profissionais devem orientar em diversas situações, desde a importância do aleitamento materno até estratégias para enfrentar desafios específicos que possam surgir durante esse processo. Este compromisso educacional visa não apenas informar, mas capacitar as mães para que se sintam confiantes e protagonistas no cuidado com a saúde de seus filhos desde os primeiros dias de vida (AZEREDO et al., 2008). Assim, a atuação do profissional de enfermagem é de suma importância, em especial nas seguintes situações:

4047

a) No contexto do pré-natal, os cuidados incluem exames físicos detalhados, aconselhamento personalizado e compartilhamento de experiências de outras mães, permitindo ao profissional de saúde compreender as particularidades de cada mulher e adaptar seu atendimento de forma individualizada. Além disso, é fundamental orientar sobre a escolha adequada de alimentos que promovam um controle de peso saudável tanto para a gestante quanto para o feto (CURY, 2002).

b) Após o nascimento da criança, é crucial abordar os cuidados iniciais nos primeiros dias, incluindo a forma de alimentação do recém-nascido, destacando que esse contato inicial influencia significativamente a lactação materna subsequente. Explicar a importância da amamentação correta nos primeiros dias de vida como uma poderosa ferramenta para beneficiar tanto o bebê quanto a mãe é essencial para promover o sucesso da amamentação a longo prazo (CURY, 2002). Dessa forma, conforme destacado por Brasil (2009), os profissionais de enfermagem devem adotar cuidados específicos que podem influenciar

diretamente o aleitamento materno. Essas orientações não apenas educam as mães sobre o papel fundamental da amamentação, mas também elucidam os benefícios que esse processo proporciona para a saúde e o vínculo entre mãe e criança.

CONCLUSÃO

O aleitamento materno é muito mais do que uma simples forma de alimentação; é um ato que fortalece vínculos emocionais, promove saúde e contribui diretamente para o desenvolvimento integral da criança. Ao longo deste estudo, exploramos profundamente os múltiplos benefícios do leite materno, que vão desde a proteção contra doenças até o estímulo ao desenvolvimento cognitivo, emocional e físico dos bebês. A Organização Mundial de Saúde (OMS) e outras entidades internacionais recomendam o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida, seguido da introdução gradual de alimentos complementares até os dois anos ou mais, uma prática que se mostrou fundamental na redução da morbimortalidade infantil.

Apesar das amplas evidências científicas e dos esforços de políticas públicas, como o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), instituído desde a década de 1980, o Brasil ainda enfrenta desafios significativos quanto às taxas de aleitamento materno exclusivo. Estudos revelam que muitas mães encontram obstáculos culturais, sociais e até mesmo pessoais que dificultam o início e a manutenção da amamentação. Mitos sobre a qualidade e quantidade do leite, pressões para retorno precoce ao trabalho e falta de apoio familiar são alguns dos fatores que interferem negativamente nesse processo essencial para a saúde infantil. Nesse contexto, o papel do enfermeiro nos bancos de leite humano emerge como crucial. Esses profissionais não apenas coletam, processam e distribuem o leite materno, mas desempenham um papel fundamental na educação e apoio às mães. Desde o período pré-natal, o enfermeiro pode desempenhar um papel educativo vital, esclarecendo dúvidas, orientando sobre os benefícios da amamentação e preparando as gestantes para os desafios e prazeres dessa jornada. Durante o pós-parto, o suporte contínuo do enfermeiro é essencial para garantir que as mães recebam o apoio necessário para iniciar e manter a amamentação de forma eficaz. Bancos de leite humano, por sua vez, representam um recurso valioso para bebês prematuros e aqueles com condições de saúde específicas, garantindo que recebam o melhor alimento possível para seu desenvolvimento saudável. Além disso, esses bancos desempenham um papel educativo significativo ao combater mitos e falsas crenças sobre a amamentação, promovendo uma cultura que valoriza e apoia o aleitamento mate

Investir na capacitação contínua dos enfermeiros, na expansão e fortalecimento dos bancos de leite humano e na conscientização pública são passos essenciais para melhorar as taxas de aleitamento materno no Brasil. A promoção de políticas públicas eficazes, que garantam o direito das mães de amamentar seus filhos de maneira adequada e saudável, é fundamental para o bem-estar das futuras gerações. Ao reconhecer o enfermeiro como agente chave nesse processo, podemos não apenas melhorar as estatísticas de amamentação, mas também promover um impacto positivo duradouro na saúde infantil e na sociedade como um todo. Conclui-se que os profissionais enfermeiros desempenham um papel essencial no Banco de Leite Humano (BLH), tanto para os recém-nascidos que necessitam de leite materno quanto para as nutrizes que enfrentam dificuldades na amamentação. É fundamental que os enfermeiros mantenham-se atualizados por meio de cursos, palestras e pesquisas focadas na amamentação. Além disso, devem realizar atividades comunitárias que incentivem as mães que amamentam e/ou têm uma carreira profissional, ensinando técnicas adequadas para aumentar a produção de leite. Esforços devem ser feitos para que o aleitamento materno e a doação de leite humano recebam a devida atenção de órgãos governamentais e de colegas da área que ainda não perceberam a importância desse tema.

4049

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, A. **Aleitamento Materno**. In: BARROS, S. (Org.) *Enfermagem no ciclo gravídico-puerperal*. São Paulo: Manole, 2006. p. 223-235.
- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Banco de Leite Humano: funcionamento, prevenção e controle de risco**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.redeblh.fiocruz.br/media/blhanv2008.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- ALMEIDA N.A.M, FERNANDES A.G, ARAÚJO C.G. **Aleitamento materno: uma abordagem sobre o papel do enfermeiro no pós-parto**. *Revista eletr. enferm.* 2004;6(3):358-67.
- AMORIM, Marinete Martins; ANDRADE, Edson Ribeiro. **Atuação do enfermeiro no PSF sobre aleitamento materno**. *Perspectivas online*, Vol.3, N°9,p.93-109(2009).
- AZEREDO, C.M. *et al.* **Preparação de mães e profissional de saúde sobre o aleitamento materno: encontros e desencontros**. *VER. Paul.Pediatr*, v. 26, p.336-344, 2008.
- BRASIL. Ministério da saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Editora do ministério da saúde, 2009 (caderno de atenção básica, nº23).

CALIL, Valdenise Martins Laurindo Tuma; FALCÃO, Mário Cícero. **Composição do leite humano: o alimento ideal.** Revista de Medicina, v. 82, n. 1-4, p. 1-10, 2003.

CAMPOS, Paola Melo. **Contato pele a pele e aleitamento materno de recém-nascidos em um hospital universitário.** Revista Gaúcha de Enfermagem. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/d9ZGSyPWYzSWvDv3r8fPHfp/?format=pdf&lang=p> t.. Acesso em: 14 jun. 2024.

CARVALHO, Janaina Keren Martins; CARVALHO, Clecilene Gomes; MAGALHÃES, Sérgio Ricardo. **A importância da assistência de enfermagem no aleitamento materno.** E-scientia, v. 4, n. 2, p. 11-20, 2011.

CASTILHO, Rayane Teixeira; VIEIRA, Bruna Dallabrida; BERGAMO, Vinicius de Mello. **Banco De Leite Humano: uma revisão integrativa.** 2013. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, v. 8, n. 2, p. 3300-33122, 2013.

CURY, M. T. F. **Nutrição em Obstetrícia e Pediatria.** Sermograf Artes Gráficas e Editora LTDA. Petrópolis, 2002.

DIAS DE ARAÚJO, Olívia *et al.* **Aleitamento materno: fatores que levam ao desmame precoce.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 61, n. 4, 2008.

FIOCRUZ. **Banco de Leite Humano: Funcionamento, Prevenção e Controle de riscos.** Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.redeblh.fiocruz.br/media/blhanv2008.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

4050

GIUGLIANI, Elsa Regina Justo. **Problemas comuns na lactação e seu manejo.** Jornal de pediatria. Rio de Janeiro. Vol. 80, s. 5 (nov. 2004), S. 147-154, 2004.

MARCHIORI, Giovanna Rosário Soanno, *et al.* **Saberes Sobre Processo De Enfermagem No Banco De Leite Humano.** Texto & Contexto - Enfermagem, vol. 27, no. 2, 3 May 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-070720180000390016>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MATOS, Salete; LAZARETTI, Rosmeri K.; DAL BOSCO, Simone. **Nutrição e Saúde.** Editora UniVates, Rio de Janeiro:2013. P.82.

MORGANO, Marcelo A. *et al.* **Composição mineral do leite materno de bancos de leite.** Ciên Tecnol Aliment, v. 25, n. 4, p. 819-24, 2005.

PEREIRA, Juliana Aguiar Carvalho, *et al.* **Atuação Do Enfermeiro Nos Bancos de Leite Humano.** Rev. Enferm. UFPE on Line, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23441/19141>. Acesso em: 14 jun. 2024.

ROCHA, Isabela Silva, *et al.* **Influência Da Autoconfiança Materna Sobre O Aleitamento Materno Exclusivo Aos Seis Meses de Idade: Uma Revisão Sistemática.** Ciência & Saúde Coletiva, vol. 23, no. 11, Nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.20132016>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SILVA, Rhuama Karenina Costa *et al.* **O ganho de peso em prematuros relacionado ao tipo de leite.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 16, n. 3, p. 535-41, 2014.

SOUZA, DELGADO Rosa de Brito, Juliana, Susana Elena. **Conhecimento de Puérperas Sobre Amamentação E Introdução Alimentar.** Revista Brasileira Em Promoção Da Saúde, vol. 30, no. 4, 6 Dec. 2017. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/6199/pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.

TENÓRIO, Micaely Cristina dos Santos, *et al.* **Fatores Associados à Ausência de Aleitamento Materno Na Alta Hospitalar Em Uma Maternidade Pública de Maceió, Alagoas, Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, vol. 23, no. 11, Nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.25542016>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRITTO, Maria Cecília Martins *et al.* **Avaliação sanitária dos bancos de leite humano na rede hospitalar do Distrito Federal.** Rev. Saúde do Distrito Federal, Brasília, DF, v.13, n. 3/4, p. 17-28, jul./dez. 2002.

HINRICHSEN, Sylvia Lemos. **Biossegurança e controle de infecções: risco sanitário hospitalar.** Rio de Janeiro: Medsi, 2004. 157 p.

OLIVEIRA, Maria Inês Couto de; CAMACHO, Luiz Antônio Bastos. **Impacto das Unidades Básicas de Saúde na duração do aleitamento materno exclusivo.** Rev. Bras. Epidemiol. Abril 2002.

Organização Mundial de Saúde (OMS). **Fatores de saúde que podem interferir na amamentação.** In: Organização Mundial de Saúde (OMS). Alimentação infantil. Bases fisiológica. São Paulo (SP): IBFAN Brasil e Instituto de Saúde, OMS, OPAS e UNICEF Brasil; 1989. p. 39-48.

4051

REGO, Jose Dias. **O aleitamento materno: vantagens e obstáculos reais à amamentação; estado atual e tendências futuras.** J. Bras. Med. V.50 n.3. 1995. 23 p.